

Educação Popular e Economia Solidária; A Formação de Empreendedores Sociais em Dom Pedrito, Rio Grande do Sul

Popular Education and Solidarity Economy: The Training of Social Entrepreneurs in Dom Pedrito, Rio Grande do Sul



Resumo

Este trabalho é o resultado de uma ação que abarca educação popular e economia solidária do Projeto de Extensão Universitária “Formação de Empreendedores Sociais”, vinculado à Universidade Federal do Pampa – Campus Dom Pedrito – RS. O objetivo básico foi demonstrar alguns dados, aspectos e características relevantes sobre a Feira Municipal Pedritense. O projeto teve como natureza metodológica a pesquisa qualitativa, com a finalidade de conhecer e mapear os sujeitos que participam da referida feira. Realizou-se um levantamento de dados com esses trabalhadores, em que a informação mais relevante é quanto ao nível de escolaridade dos sujeitos, onde 52% dos feirantes cursaram até a quarta série do ensino fundamental e que 80% são mulheres. Percebeu-se que a educação popular vem se constituindo como um paradigma no processo de organização dos empreendimentos econômicos solidários, no qual se desenvolve a construção de uma análise concomitantemente autocrítica e crítica, em prol do fortalecimento do coletivo. A educação é um ato político, portanto um trabalho coletivo, que reeduca todos os sujeitos envolvidos. Abarca a postura e atitude diante do mundo e do homem, o que é diferente um do outro com suas culturas e crenças. Para tanto, a análise baseou-se nos fundamentos de Freire, Saviani, Singer, Zaretto, entre outros.

Palavras chaves: Educação Popular. Economia Solidária. Educação de Jovens e Adultos.

Vitor Garcia Stoll¹,
Simone Silva Alves²,
Quelen Colman Espíndola³,
Geise Loreto Laus Veiga⁴.

*Rua Pedro Cesarine 566, Santa Teresinha – Dom Pedrito/RS, vitorgarciastoll@gmail.com, (53) 9948-9999.

^{1,2,3,4}Universidade Federal do Pampa – Campus Dom Pedrito.

Abstract

This article is a result of an action that comprehend popular education and solidarity economy of the University Extension Project "Training for Social Entrepreneurs", associated to Federal University of Pampa - Campus Dom Pedrito - State of Rio Grande do Sul. The priority of the study was to demonstrate data, relevant aspects and features of the County Fair. The project was a qualitative approach as a methodological nature in order to know and chart the fair participants. Thereafter was conducted a data survey with the fair dealers, whereupon the most relevant information is about the educational level of them. The survey indicated that 52% of tradesmen studied up only to the fourth grade of elementary school besides that 80% was women. Thus it was verified that popular education has been constituted as a paradigm in the process of solidarity economy organization of enterprises, which has developed a self-critical analysis concomitantly critical in favor of the collective strength. The education is a political act, accordingly is a collective work, which re-educate all involved. Furthermore the education comprises the posture and attitude toward the world and the man, different one to another with their cultures and beliefs. Therefore, the analysis was based on fundamentals of Freire, Saviani, Singer, Zareto, among others.

Keywords: Popular Education. Solidarity Economy. Adult and Youth Education.

INTRODUÇÃO

Atualmente, vive-se em numa situação socioeconômica bastante turbulenta, especialmente quanto ao aumento do nível da desigualdade econômica da população mundial pois, em 2016, o volume de riquezas de 1% da população mundial deve ultrapassar o dos outros 99%. É o que prevê o estudo divulgado pela ONG britânica Internacional Oxfam (2015). Segundo a organização, em 2009, o 1% mais rico do planeta concentrava 44% dos recursos mundiais. Em 2014, esta razão subiu para 48%. Caso o ritmo se mantenha, em 2016 a porcentagem de riqueza nas mãos dessa parcela da população deve ultrapassar os 50% (OXFAM, 2015).

A transformação do processo de trabalho, na sociedade capitalista, causa à humanidade o aprofundamento das desigualdades sociais. Dessa forma, é vitalmente necessária uma compreensão crítica do sistema capitalista, uma clareza de pensamento sobre a situação extremamente complicada com que se defronta toda a espécie humana e, em particular, na comunidade em que se vive. Assim, torna-se um desafio, também aos educadores encontrar algumas alternativas possíveis para se ter um outro modo de viver em sociedade, em que a justiça e igualdade social sejam partes essenciais dessa sociedade. Desse modo, sabe-se que “se a educação sozinha não transforma a sociedade, sem ela tampouco a sociedade muda” (FREIRE, 2000, p. 31), ou seja, é importante entender que vivemos numa sociedade de classes, num sistema econômico capitalista regido por políticas neoliberais que têm um poder astronômico no campo educacional, pois, uma educação opressora não forma sujeitos críticos, capazes de desenvolver autonomia sobre si e sobre as questões do mundo.

Para Singer (2010, p. 11) “[...] o que importa entender é que a desigualdade não é natural e a competição generalizada tampouco o é. Elas resultam da forma como se organizam as atividades econômicas e que se denomina modo de produção”. E, diante do desafio e da luta à exclusão social, a economia solidária apresenta-se como outra forma de produzir riquezas e conhecimentos, melhora a infraestrutura básica, a educação, o transporte coletivo, a saúde e o lazer, bem como possibilita às pessoas maior convívio social, especialmente para as mulheres que integram os empreendimentos econômicos solidários. Deste modo, a chave desse processo é a associação entre os iguais em vez do acordo entre os desiguais.

Assim sendo, a economia popular solidária necessita ser consolidada como objeto basilar do processo educativo, do qual a educação popular é um dos pilares na formação de empreendedores sociais. Dessa forma, a educação é um ato político, portanto, é um trabalho coletivo, que reeduca todos os sujeitos envolvidos. Abarca postura e atitude diante do mundo e do homem, que é diferente um do outro com suas culturas e crenças. Não são as teorias modernas ou os conceitos abstratos que educam. É a prática concreta que, sendo pensada à luz da teoria, transforma a realidade histórica de cada povo.

A própria palavra “economia”, epistemologicamente, vem dos termos gregos oikos (casa) e nomos (norma, gestão), e pode ser compreendida como “administração da casa”. De forma geral, pode-se dizer que a Economia estuda a maneira como

se administram os recursos materiais com o objetivo de produzir bens e serviços e como distribuí-los para seu consumo entre os membros da sociedade.

Conforme Arruda (2003, p. 225-226), “a noção de solidariedade surgiu na história econômica como reação à cultura do egoísmo, do individualismo, da ficção do homo economicus. O vocábulo fazia parte da linguagem jurídica e queria dizer responsabilidade comum”. Nesse sentido, torna-se relevante indicar que a Economia interage com diversas outras áreas do conhecimento, como Administração, Educação, Ciências Contábeis, Geografia, História, Direito, Estatística, Matemática, Engenharias, Meio Ambiente, Sociologia, Filosofia, Política, Turismo, entre outras. Desse modo, necessitamos entender e tratar a categoria de Economia de forma interdisciplinar para compreender e enfrentar os desafios postos na atualidade.

A economia popular solidária é um modo especial de fazer economia, de produzir, distribuir recursos e bens, consumir e de se desenvolver, o qual apresenta e compartilha traços particulares e fundamentais de solidariedade, o mutualismo, cooperação e autogestão comunitária, que definem uma racionalidade especial, diferente de outras racionalidades econômicas (ZARETO, 1993).

Enquanto uma organização de economia mercantil tradicional tem como fim a busca pelo lucro, base do capitalismo; os empreendimentos econômicos solidários almejam objetivos além dos aspectos econômicos, visando a um equilíbrio entre os fatores sociais, políticos, culturais e ambientais, ou seja, neste modelo de economia não há exploração do trabalhador (FILHO, 2008).

A Economia Solidária vem sendo um tema de investigação, conceituações e de prática social na realidade brasileira, desde a década de 1980, quando era apresentada de forma dispersa, e continuamente adotou crescente ímpeto a partir da segunda metade da década de 1990. Costa (2007, p.11) observa que “No campo das práticas, se multiplicam os empreendimentos, as políticas públicas, as organizações apoiadoras, as redes, fóruns e outras instâncias de discussão, apoio e fomento às iniciativas solidárias”.

Nessa perspectiva, a Economia Solidária é um dos assuntos de maior atualidade não só no Brasil, mas também no mundo. Porém, não há um consenso sobre o conceito de Economia Solidária. Conforme os principais pesquisadores comprometidos na construção conceitual de Economia Solidária, o reconhecimento da sua realidade como fenômeno material social é recente no Brasil.

Para Singer (2002, p. 9), a solidariedade na economia “[...] só pode se realizar se ela for organizada igualmente pelos que se associam para produzir, comercializar, consumir ou poupar”. Defendemos uma abordagem de economia solidária articulada às dimensões moral, política e econômica, pois apenas nesse sentido a economia, como categoria, não ficará deslocada do tecido social.

Os empreendimentos econômicos solidários surgem, no Brasil, incentivados por instituições e entidades que apoiavam iniciativas associativas comunitárias e pela constituição e articulação de cooperativas populares, redes de produção e comercialização, feiras de cooperativismo, entre outros.

Segundo a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), atualmente

no Brasil há cerca de 19.708 empreendimentos solidários. A pesquisa através de uma amostra desses empreendimentos verificou que 59,5% deles participam de movimentos sociais e populares, entre os quais os movimentos comunitários (30,3%), sindicais (27,4%), de luta pela terra (23%), e ambientalistas (13,6%). Quanto à questão das dificuldades enfrentadas pelos empreendimentos solidários, as principais abordadas são a comercialização com 61%, crédito com 49% e assessoria, formação, assistência técnica e gerencial com 26% das menções.

Ao exemplo de outros Projetos que têm mudado a vida de trabalhadores que atuam em empreendimentos solidários, o projeto “Formadores de Empreendedores Sociais” buscou atuar resgatando as ações existentes dentro do município de Dom Pedrito/RS e trabalhando com esses sujeitos para que haja uma melhoria no desenvolvimento das suas atividades.

O referido projeto é oriundo da iniciativa de alguns docentes da Universidade Federal do Pampa – Campus Dom Pedrito/RS, de pesquisar empreendimentos que possam ter como tendência os princípios da economia solidária, visto que, no Extremo Sul do Brasil algumas cidades, como Santana Livramento, Bagé e Jaguarão, possuem empreendimentos solidários. Assim, torna-se relevante introduzir o município pedritense nesse contexto.

Compreende-se ainda que a extensão universitária visa contribuir para o desenvolvimento social, cultural, científico, tecnológico e econômico de sua área de abrangência, aberta à participação da comunidade externa e articulada com entidades públicas e privadas. Ela busca um diálogo crítico com as problemáticas sociais, para reconectar as universidades a ações interdisciplinares, cada vez mais necessárias no contexto social contemporâneo.

Segundo Saviani (2011), a educação é o ato de produzir no homem o caráter mediador da educação no interior da sociedade. Repensar a economia – produção da riqueza - de forma crítica é tarefa necessária para o educador, principalmente quando no modo de produção da economia hegemônica em que vivemos – capitalismo – percebe-se movimentos e mecanismos de captura de conceitos ou processos de outra ordem, tais como a cooperação e a solidariedade.

Assim, a Economia Popular Solidária e a Educação são conceitos que estão correlacionados, por isso, o projeto de extensão visou não somente a elevar o nível de qualidade de vida desses trabalhadores, trazendo mais informação e conhecimento mas, também, a proporcionar troca de conhecimentos, culturas e vivências entre todos os envolvidos no projeto: professores, técnicos, acadêmicos, feirantes e comunidade em geral.

MÉTODOS

Este trabalho trata-se de um Projeto de Extensão Universitária, de cunho socioeconômico, de natureza metodológica qualitativa, com a finalidade de contribuir para a formação dos sujeitos que participam da Feira Municipal de Dom Pedrito, no Estado do Rio Grande do Sul, tendo como temática a Economia Popular Solidária.

De acordo com informações do Secretário Adjunto do referido município, a

feira surgiu por meio de de uma iniciativa da prefeitura com o apoio do Governo Federal através do INCRA (Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária) e da EMATER (Associação Riograndense de Empreendimento, Assistência Técnica e Extensão Rural).

Inicialmente, o convite para compor a feira foi feito para os assentados da reforma agrária do município, agricultores familiares, artesãos e demais empreendimentos da economia popular. Essa teve início em janeiro de 2015, com pouco mais de 10 feirantes. Atualmente a feira acontece na praça principal da cidade e conta com mais de 30 trabalhadores.

A motivação para o desenvolvimento da ação prática surgiu a partir da análise do levantamento de dados realizado com os feirantes que participam da Feira Municipal, ocorrido no dia 24 de abril de 2015.

Desta forma, em parceria com a Secretaria Municipal de Trabalho e Assistência Social de Dom Pedrito, juntamente com os CRAS (Centros de Referência de Assistência Social) e também da Casa de Economia Solidária de Santana do Livramento, foi realizado o curso “Organização e Gestão de Empreendimentos Solidários”.

O curso ocorreu no Clube dos Funcionários Municipais, no dia 18 de novembro de 2015 e contou com a participação de 73 trabalhadores (superior ao número de participantes da feira). A atividade envolveu estudantes de diferentes cursos de graduação da UNIPAMPA - Campus Dom Pedrito - que ficaram responsáveis pela divulgação do evento, elaboração de convites e cartazes, confecção de certificados e organização do local. Além disso, a ação contou com palestras realizadas por pesquisadores da temática estudada.

É relevante destacar que os discentes participaram ativamente das ações desenvolvidas durante o curso. Quanto à escolha do local optou-se, naquele momento, pela realização do Curso no Clube dos Funcionários, por ter sido cedido pela Prefeitura Municipal e se localizar no centro da cidade proporcionando, assim, maior envolvimento da comunidade.

RESULTADOS

A coleta de informações e dados teve início através do planejamento coletivo, envolvendo docentes e discentes dos cursos de Licenciatura em Ciências da Natureza, Enologia, Agronegócio e Zootecnia, da Universidade Federal do Pampa – Campus Dom Pedrito.

O planejamento foi fundamental, principalmente, para o desenvolvimento da escrita científica dos acadêmicos, visto que estes se propuseram a fazer fichas de leituras, resumos científicos, resenhas críticas e a apresentar os resultados em eventos e congressos.

Com relação à análise de dados obtidos, para realizar o mapeamento dos trabalhadores que participam da feira municipal, foi constatado que a média de idade dos feirantes é de 50 anos, tendo 20 anos a feirante mais nova e 77 anos a mais experiente. Segundo a Secretaria Nacional de Economia Solidária (SENAES), no Brasil, a média etária dos trabalhadores nessa atividade é de 46 anos.

Quanto ao sexo, 80% são mulheres e 20% homens. No que tange à renda, 16% ganham menos de um salário mínimo, 76% têm renda entre um e três salários mínimos e por fim 8% possuem renda entre três e cinco salários mínimos. Unanimemente, todos os feirantes possuem a feira como atividade complementar à renda.

Porém, outro dado significativo é referente ao nível de escolaridade. A nível nacional, quase 50% dos empreendedores sociais não finalizaram o ensino fundamental, com isso percebe-se desigualdades no sistema educacional. Além disso, 13% possuem o fundamental completo, 24% ensino médio completo e 7% ensino superior completo ou pós-graduação. Cerca de 7% nunca frequentaram a escola.

Na feira pedritense os dados são semelhantes com base em que 52% dos feirantes cursaram até a quarta série, os colocando na classificação de fundamental incompleto; 4% possuem fundamental completo; 28% ensino médio completo e 12% superior incompleto. Atentamos que esse último grupo possui artigos diferenciados como, por exemplo, a utilização da lã. (Fotos 01).

A relação escolaridade-renda ficou claramente explícita, quando se percebeu que os feirantes que possuem menor escolaridade são também, aqueles que possuem menor renda. Pois embora possuam grande habilidade manual, eles relataram que gostariam de ter uma maior escolaridade para, conseqüentemente, ter mais recursos que possam vir a auxiliar no planejamento financeiro e coletivo de seu empreendimento.

Nessa visão, é possível refletir sobre a função que a educação não formal e a Educação de Jovens e Adultos (EJA) podem vir a exercer para capacitar as pessoas para se tornarem cidadãos “do” e “no” mundo, pois o profissional que atua na formação de adultos – qualquer que seja – tem que admitir que os indivíduos com os quais atua são homens normais, detentores de saberes úteis à sociedade (PINTO, 1984).

Desse modo, é preciso ressaltar a importância de se levar a sério o envolvimento da educação com as desiguais relações de poder para que não haja distanciamento do mundo real. Conforme estudos realizados, percebeu-se que a educação está imersa nos processos culturais e que não é possível conceber uma experiência pedagógica desvinculada das questões culturais da sociedade (SANTOS, 2003; CAVALLHEIRO, 2001).

Assim, a educação busca amenizar as grandes modificações no campo econômico, na economia e no mundo do trabalho. Pinto (1984, p.79) afirma que “O trabalho expressa e define a essência do homem em todas as fases de sua vida (infância à velhice), mas é no período adulto que melhor se compreende seu significado como fator constitutivo da natureza humana”.

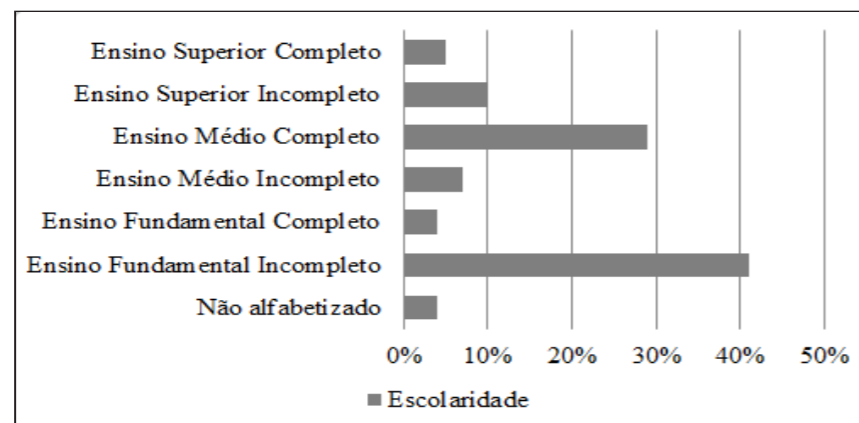
Quanto ao período, o trabalho realizado pelos feirantes em Dom Pedrito é feito somente nas sextas-feiras e em área aberta. Por isso, a principal reivindicação desses trabalhadores é a construção de um lugar fixo para estabelecerem suas atividades de comercialização.

Neste sentido, levando em consideração as informações anteriormente descritas, o curso “Organização e Gestão de Empreendimentos Econômicos Solidários” apresentou aos seus participantes, através de palestras interativas, os conceitos da

Economia Solidária como forma de fortalecimento do grupo e melhoria no planejamento coletivo.

Participaram do curso 73 pessoas, sendo 93% mulheres (Foto 2). A média etária dos participantes foi de 49 anos, tendo a maioria (41%) o Ensino Fundamental incompleto (Figura 1).

Figura 01: Escolaridade dos Participantes do Curso.



Fonte: Base de dados elaborada pelos autores

Além dos feirantes, outros grupos participaram do curso, entre eles algumas mulheres que utilizam o CRÁS (Centro de Referência da Assistência Social), Casa de Curso de Dom Pedrito e Casa de Economia Solidária de Sant’ana do Livramento. Destes, 33.4% trabalham informalmente com algum tipo de artesanato, 20% não trabalham, 12.3% são aposentadas e 34.2% exercem atividades profissionais (Tabela I).

Tabela 01: Situação Profissional dos Participantes do Curso.

| Situação profissional | Número de participantes no Curso |
|-------------------------|----------------------------------|
| Não trabalham | 15 |
| Trabalham informalmente | 24 |
| Trabalham formalmente | 25 |
| Aposentados | 09 |

Fonte: Base de dados elaborada pelos autores

Ainda que, quase 40% dos participantes nunca tenham ouvido falar em Economia Solidária, 75% reconheceram que a reproduzem indiretamente em suas ações cotidianas, principalmente através do trabalho coletivo. Além disso, 88% consideraram o curso relevante para sua formação pessoal e/ou profissional e 89% demonstraram interesse em participar de outros cursos com a mesma temática.

CONSIDERAÇÕES FINAIS/ DISCUSSÕES

Somos conscientes de que toda luta por uma educação – formal ou não – representa a afirmação de nosso país como uma república. Com essa luta, espe-

ra-se garantir, efetivamente, a igualdade. Para Saviani (2011), a educação é o ato de produzir, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens. Assim, a função da educação é a promoção do homem.

Diante do desafio e da luta pela inclusão social, a economia solidária - como outra forma de produzir riquezas e conhecimentos - melhora da infraestrutura básica, a educação, bem como possibilita às pessoas maior convívio social. Sendo assim, a chave desse processo é a associação entre os iguais em vez do acordo entre os desiguais.

Ao realizar-se o curso “Organização e Gestão de Empreendimentos Solidários” com a comunidade percebeu-se que este contribuiu para o desenvolvimento crítico dos participantes acerca das especificidades que norteiam o tema da Economia Solidária. Possibilitou ainda o despertar para os princípios do tema em questão, principalmente o princípio da autogestão. Albuquerque (2003) ao definir a autogestão, expande o conceito para além do significado empresarial, ao afirmar que:

“Por autogestão, em sentido lato, entende-se o conjunto de práticas sociais que se caracteriza pela natureza democrática das tomadas de decisão, que propicia a autonomia de um “coletivo”. É um exercício de poder compartilhado, que qualifica as relações sociais de cooperação entre pessoas e/ou grupos, independente do tipo das estruturas organizativas ou das atividades, por expressarem intencionalmente relações sociais mais horizontais. O caráter multidimensional do conceito de autogestão (social, econômico, político e técnico) nos remete a pensá-lo muito mais que uma simples modalidade de gestão (ALBUQUERQUE, 2003, p. 20).

Ressalta-se ainda que a economia solidária fundamentada na autogestão, na solidariedade, na construção coletiva, na democracia da economia, no engajamento cidadão, na economia plural, na autonomia, na diversidade, no espaço público, na liberdade e na sociabilidade proporciona desenvolvimento humano aos seus participantes, especialmente às mulheres, pois participar das discussões e deliberações do coletivo, ao qual se está associado, educa e conscientiza tornando a pessoa mais realizada, segura e autoconfiante.

Neste sentido, identificou-se que os feirantes utilizam a Economia Solidária – mesmo de maneira inconsciente – pois eles trabalham com os princípios da coletividade como forma de comercialização, afinal, se não houvesse um grupo fortalecido e diversificado em produtos e mercadorias, a feira se extinguiria.

Diante disso, ressalta-se que esta ação gerou o fortalecimento dos laços entre os trabalhadores e a comunidade acadêmica contribuindo não apenas no desenvolvimento da pesquisa, do ensino e da extensão, mas proporcionando trocas de conhecimento entre a instituição e a comunidade. Assim, a educação deve caminhar junto ao processo revolucionário, organizando, através da conscientização, com aqueles que almejam estabelecer uma nova sociedade.

REFERÊNCIAS

- ALBUQUERQUE, Paulo Peixoto de.** Associativismo. In: CATTANI, Antonio David (Org.). A outra economia. Porto Alegre: Veraz Editores, 2003. p. 15-20.
- ARRUDA, Marcos.** Humanizar o Infra-humano: a formação do ser humano integral: homo evolutivo, práxis e economia solidária. Rio de Janeiro: Vozes, 2003.
- CAVALHEIRO, Eliane.** Racismo e anti-racismo na educação: repensando nossa escola. São Paulo: Selo Negro, 2001.
- COSTA, Pedro de Almeida.** Inovação em Economia Solidária: um desafio no campo político. 2007. 206f. Tese (Tese em Administração) - Programa de Pós-Graduação em Administração, Faculdade de Administração, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2007.
- FILHO, Genauto Carvalho de França.** A via sustentável solidária no desenvolvimento local. Organizações & Sociedade, v.2; p.219-232, 2008.
- FREIRE, Paulo.** Pedagogia da Indignação: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: UNESP, 2000.
- OXFAM.** Organização. Riqueza: tenerlo todo y querer más en manos de una pequeña elite. Informe Temático de Oxfam. Enero de 2015. Disponível em <<http://www.lamarea.com/wp-content/uploads/2015/01/riquezaTenerlo-TodoQuererMas190115.pdf>>. Acesso em: 15.Jan.2015.
- PINTO. Álvaro Vieira** – Sete lições sobre educação de adultos. 2. ed, São Paulo: Cortes, 1984.
- SANTOS, Boaventura de Sousa. MENEZES, Maria Paula.** Epistemologias do Sul. Coimbra: Almedina, 2009.
- SAVIANI Dermeval.** Educação em Diálogo. São Paulo: Autores Associados, 2011.
- SENAES.** Secretaria Nacional de Economia Solidária. Disponível em: <http://portal.mte.gov.br/tca_contas_anuais/secretaria-nacional-de-economia-solidaria-senaes.htm>. Acesso em: 08 dez. 2015, 15:30.
- SINGER, Paul.** A recente ressurreição da economia solidária no Brasil. In: SANTOS, Boaventura de Sousa (Org.). Produzir para Viver: os caminhos da produção não capitalista. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002. p. 81-129.
- SINGER, Paul.** Introdução à Economia Solidária. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2002. 4ª reimpressão: fevereiro de 2010.
- ZARETO, Luis.** Economia de Solidariedade e Organização Popular. In: GADOTTI, Moacir. GUTIÉRREZ, Francisco. Educação Comunitária e Economia Popular. São Paulo: Cortez, 1993.

